



Recebido em:
19/07/2017
Aprovado em:
20/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO

SCHELLA CONCEIÇÃO ROCHA
CÂNDIDA LUISA PINTO CRUZ
RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo refletir sobre a importância da afetividade no processo de inclusão, pois o papel que a escola contemporânea assume hoje na concretização do processo de inclusão de alunos com deficiência é desafiante. Para tanto, será pensado no ensino que é oferecido nas escolas, sob a ótica dos aspectos humanos e integrativos. Será considerada também a dicotomia exclusão e inclusão, que aguça o olhar sobre as práticas, atitudes e pensamentos que cristalizam negativamente ou positivamente processos educacionais e afetivos. Sobre este último, ponderações serão feitas, na visão de Henri Wallon (2012), que contribuem para um clima propício de aprendizagem, que rompem barreiras atitudinais e reforçam a confiança e a auto-estima do aluno, valorizando as potencialidades do ser. Optou-se pelas ideias propagadas por Henri Wallon, devido à importância deste autor na área da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, pouco conhecidas e exploradas por discentes dos cursos de formação de professores e na área da educação inclusiva. Este é um estudo bibliográfico inicial que ainda pode ser muito explorado.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Escola contemporânea. Inclusão

ABSTRACT

This study has as main objective to reflect on the importance of affectivity in the inclusion process, since the role that contemporary school plays today in the concretization of the inclusion process of students with disabilities is challenging. To do so, it will be thought of the teaching that is offered in schools, from the perspective of human and integrative aspects. The exclusion and inclusion dichotomy will also be considered, which sharpens the eyes on practices, attitudes and thoughts that negatively or positively crystallize educational and affective processes. On the latter, considerations will be made, in the view of Henri Wallon (2012), That contribute to a propitious learning climate, that break attitudinal barriers and reinforce the student's confidence and self-esteem, valuing the potentialities of being. We chose the ideas propagated by Henri Wallon, due to the importance of this author in the area of affectivity in the process of teaching and learning, little known and explored by students of teacher training courses and in the area of inclusive education. This is an initial bibliographic study that can still be explored.

Keywords: Affectivity. Learning. Contemporary school. Inclusion

INTRODUÇÃO

O século XXI abarca condições desafiadoras à vida do homem na atualidade. As notícias vinculadas pelos meios de comunicação através da televisão, rádio e internet, em tempo real, muitas vezes, trazem angústia às pessoas. São divulgadas, constantemente, cenas de violência; desafetos; agressões físicas, verbais e morais; desconfiança; insegurança; banalização da vida. Além destes, outros desafios são enfrentados pela educação, especificamente, pela escola: analfabetismo, evasão escolar, desestrutura familiar, ausência da perspectiva da importância da educação para formação da pessoa e etc.

A diversidade humana em todas as suas formas, quer seja étnica, de opiniões, física, de gêneros, de nacionalidades, também declaram aspectos que precisam ser envolvidos e desenvolvidos na/pela escola. Essa temática da diversidade, e, no nosso caso, principalmente das pessoas com deficiência, tem sido abordada na atualidade em debates, na promoção de leis, atividades, congressos, ações, que divulgam sobre a promoção de educação para todos indistintamente. Faz-se necessário aprendermos a conviver com as diferenças e com a aprendizagem pela afetividade significativa.

Temos como objetivo geral refletir sobre a importância da afetividade no processo de inclusão, o novo papel da escola contemporânea no processo de inclusão de alunos com deficiência é desafiante. Para auxiliar nesse processo de reflexão utilizamos como objetivos específicos: descrever os novos papéis da escola contemporânea; conhecer a dicotomia exclusão/inclusão escolar; identificar a afetividade como um dos elementos necessários à implementação da educação inclusiva; relacionar a afetividade e a inclusão como uma das formas de redefinir o novo papel da escola contemporânea. Optou-se pela visão walloniana, devido à importância deste autor na área da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, pouco conhecida e explorada por discentes dos cursos de formação de professores e na área da educação inclusiva.

O direito à educação necessita ser efetivado através de mudanças nas políticas públicas, formação inicial e continuada de professores; cultura inclusiva escolar, etc. A escola como espaço de convivência, deve abranger a diversidade, recebendo com profissionalismo e cuidado a pessoa com deficiência. Portanto, neste trabalho, temos como questões norteadoras: Qual a educação que precisa prevalecer nas escolas contemporâneas A dicotomia exclusão/ inclusão ainda permanece nos tempos atuais Qual a importância da afetividade no contexto escolar inclusivo

Diante desses questionamentos, surgem reflexões em torno de um conceito mais amplo de escola, enquanto espaço de formação humana e aceitação da diferença. Estes são alguns dos desafios que permeiam o processo de inclusão, impedindo, muitas vezes, que se desenvolvam a afetividade e as práticas pedagógicas inclusivas no cotidiano escolar. Cabe frisar que, neste estudo, a questão crucial é a afetividade na perspectiva de Wallon.

QUAL O PAPEL DAS ESCOLAS CONTEMPORNEAS

Diante do contexto da exclusão que perdurou por séculos e que perdura até os dias atuais, em alguns contextos, várias legislações têm sido criadas com o intuito de proteger um dos direitos

fundamentais a todo ser humano, o direito à educação. De acordo com a declaração de Salamanca (1994), toda criança tem a educação como direito fundamental, devendo ser dada a oportunidade de aprender. A Constituição Federal Brasileira (1988) versa que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, visando preparar a pessoa para o exercício da cidadania e para o trabalho. A Lei 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), expõe que a educação especial será oferecida preferencialmente na rede regular de ensino e a Lei 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão (LBI), coloca que toda pessoa com deficiência terá direito à igualdade de oportunidades e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação, aspecto que vem sendo ressaltado em nossas publicações.

Notavelmente, porque na prática, não é isso que acontece. A educação hoje, ainda em muitas escolas, tornou-se um ato frio onde o aluno é o receptáculo do conteúdo a ser ensinado. A figura do professor como o mestre que transmite conhecimentos, experiências, estímulos e afetividade é substituído por atos sem afetividade ou relação entre seus pares. Questionamo-nos: Qual a função da escola contemporânea Instruir, transmitir conhecimentos ou educar e formar integralmente uma pessoa Para compreendermos é necessário entender a instrução e a transmissão de

conhecimentos sobre a sociedade e o mundo.

A instrução trabalha a aquisição das ferramentas de comunicação: a língua materna, que ele basicamente já domina na forma oral, será também assimilada na forma escrita, estendendo e alargando os horizontes da comunicação. Além da língua materna, outras ainda podem ser trabalhadas, garantindo um aprofundamento do conhecimento da própria língua original e abrindo novas perspectivas. Por outro lado, temos a linguagem matemática, que é imprescindível para a comunicação científica. Ajuda na articulação lógica das mensagens como um todo e abre caminho para a apreensão dos conhecimentos científicos, o desvendar dos segredos do mundo. De posse das ferramentas básicas para a comunicação e o entendimento, a instrução procura também fornecer aos alunos os conhecimentos básicos sobre o mundo e sobre a sociedade, traduzidos nas disciplinas física, química, biologia, que integram a cosmologia, isto é, os conhecimentos humanos sobre o Universo, e nas disciplinas geografia e história, que mostram como o homem relaciona-se com seu espaço e sua marcha social através dos tempos. (Alves; Garcia, 2001, p.18-19)

A educação não se limita somente à transmissão de conhecimentos, é preciso ensinar o aluno a relacionar-se com o mundo e com a sociedade de forma plena, autêntica, crítica e satisfatória com as várias relações sociais (templo religioso, família, amigos) que possui no transcorrer da sua vida, quer seja antes, durante ou depois da escola. Na visão de Alves e Garcia (2001), para que a educação

seja efetiva é necessária uma postura para além do discurso, ou seja, é necessária a prática, a vivência, em sala de aula e fora dela.

A formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação dos discursos, mas sim por um processo microsocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo que percebe essas mesmas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano. Uma aula de qualquer disciplina constitui-se, assim, em parte do processo de formação do aluno, não pelo discurso que o professor possa fazer, mas pelo posicionamento que assume em seu relacionamento com os alunos, pela participação que suscita neles, pelas novas posturas que eles são chamados a assumir. (ALVES;GARCIA, 2001,p.20)

Mantoan (2015) alerta que é preciso repensar a escola de qualidade, superando o sistema tradicional de ensinar, é preciso refletir no que se ensina e como se ensina, para formar pessoas éticas e humanas, que valorizam a diferença na convivência com seus pares, gerando um clima sócio afetivo, sem tensões e competições, mas com espírito solidário e participativo.

A aprendizagem nessas circunstâncias, é centrada, ora sobressaindo o lógico, o intuitivo, o sensorial, ora aspectos social e afetivo dos alunos. Em suas práticas pedagógicas predominam a experimentação, a criação, a descoberta, a coautoria do conhecimento. Vale o que os alunos são capazes de aprender hoje e o que podemos oferecer-lhes de melhor para que se desenvolvam em um ambiente rico e verdadeiramente estimulador de suas potencialidades. (MANTOAN, 2015, p. 66)

Para Alarcão (2011), que também comunga desta ideia, a escola é um setor da sociedade e além de ser influenciado por ela, também a influencia. Para que haja educação é necessário formar e assumir o papel de cidadãos críticos, que desenvolvem a grande competência da compreensão. Essa competência desenvolve a capacidade de escutar, observar, pensar, compreender o mundo, os outros e a si mesmo. Essa compreensão não se limita somente ao redor do mundo em que se vive, mas alarga-se de forma mais ampla, para que se tenha a noção dos acontecimentos de forma sistêmica, de tal forma que os alunos sejam capazes de comunicar e interagir, desenvolvendo o

autoconhecimento e a autoestima.

INCLUSÃO X EXCLUSÃO

A escola contemporânea assume, também, o papel de adequar seu currículo e seu método para instruir e educar, compreendendo a singularidade de cada ser, promovendo a inclusão daqueles que perante a história da sociedade estavam excluídos por não haver o olhar de que estes também são capazes de aprender e conviver socialmente. Para tanto, basta dar-lhes a oportunidade e meios de

acessibilidade em um mundo que não foi pensado para as deficiências. A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) afirma que as pessoas com deficiência precisam de atenção especial, sendo necessário, portanto, garantir a igualdade de acesso para todos no sistema educativo.

As pessoas são seres únicos, não homogêneos e às vezes necessitam de adequações físicas, psicológicas ou afetivas. As diferenças muitas vezes, induz a um estranhamento, excluindo-as do processo social.

(...)excluir significa expulsar do mundo dominante, significa, literalmente, pôr para fora dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais, é não apenas marginalizar e sim desconsiderar a existência humana. (MATTOS apud BONETI, 2012, p.3)

Conviver com as diferenças é um desafio atual que pode ser ultrapassado e depende de vários fatores, dentre os quais o de querer aprender a relacionar-se e adequar-se ao que o novo lhe traz, indo em busca da superação dos obstáculos externos (por exemplo, o meio físico) e/ou internos (por exemplo, o egoísmo) que impedem o relacionamento das pessoas diante das ilusões de desigualdades. Porém, para Mantoan (2015) há resistência da escola tradicional em relação à inclusão e a mesma demonstra a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diferença, da singularidade. Diante desta resistência, a escola trilhou como caminho mais fácil, para gerenciar as diferenças dos alunos, criar categorias, selecionar, dicotomizar o ensino em modalidades especial e regular.

Num processo inverso ao da exclusão, é necessária a construção de escolas que permitam o acesso de todas as pessoas tanto no aspecto social, educacional e também afetivo. Segundo Mattos (2008), incluir

significa fazer algo para que elas permaneçam na escola. Incluir requer considerar peculiaridades, requer cruzamento de culturas, requer olhar a singularidade de cada um dentro da pluralidade, requer olhar a parte no todo e o todo na parte. Implica, ainda, considerar as crenças, mitos e valores de cada um, bem como considerar as emoções envolvidas no relacionamento. (MATTOS, 2008, p.52)

Ajudar o aluno a superar seus próprios limites é um ato de inclusão que estimula a sua permanência na escola. Portanto, a verdadeira inclusão não apenas abre as portas para todos os alunos, mas ressignifica o verdadeiro papel da escola diante da aprendizagem, gerando um ambiente saudável, confiante e estimulador, redimensionando aspectos na estrutura física, adaptações curriculares, mudanças de atitude dos educadores.

Diante da dicotomia inclusão/exclusão, ainda tão presente no cotidiano escolar, Santos (2002) afirma que é necessário que o educador tenha um olhar apurado para detectar situações de desvalorização das pessoas, impedindo que tais atitudes se cristalizem. A afetividade, portanto, é uma das propostas integrativas de formação e de humanização da escola como meio de inclusão.

AFETIVIDADE: UM DOS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

O conceito de sociedade inclusiva vem sendo implementado, seja através de leis, de atitudes ou da conscientização através de campanhas. Esse conceito vem reconhecer que é possível construir a escola como um espaço que não seja meramente instrucional, mas um lugar de desenvolvimento da pessoa que aprende a conviver com as diferenças,

promovendo a valorização das potencialidades do ser. Escola não somente como direito de todos, mas de acesso e permanência de todos!

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015) afirma que a educação é um dos direitos da pessoa com deficiência, de forma que possa desenvolver “seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”.

Para essa aprendizagem ser fluente faz-se necessário romper barreiras, que são caracterizadas pela Lei **13.146/2015** como:

qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança [...] (Lei **13.146/2015**)

Uma das barreiras, enumeradas nesta mesma Lei, **que entrava o processo de inclusão é abarreira atitudinal, ou seja**, atitude ou comportamento que impede ou prejudica a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

A escola inclusiva é o *locus* de convivência entre todas as diversidades humanas que existem e o papel da afetividade torna-se preponderante pois,

A afetividade é um caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando na escola. Entende-se a diferença como a especificidade de cada um, em seus múltiplos e complexos comportamentos. Entende-se, ainda, a diferença como o vivido de cada um, em sua realidade social e cultural. Entende-se, mais ainda, que a permanência do educando na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe quando entra no ambiente escolar. Esses fatores e tantos outros podem facilitar a permanência e a aprendizagem. (MATTOS, 2008, p.05)

O desenvolvimento de relações afetivas propicia um ambiente acolhedor e saudável de aprendizagem para o aluno com deficiência. O professor que efetiva essa prática em sala de aula consegue obter de seus alunos superações de barreiras e bloqueios que o impedem, muitas vezes, de aprender. O aluno com deficiência, ao sentir-se acolhido sente-se em segurança, melhora sua autoestima e sua autoconfiança. Esse domínio afetivo complementa o desenvolvimento cognitivo. Já que o ser humano é dotado desses dois aspectos (não excluindo outros), é preciso vê-los não como excludentes, apesar de opostos, mas complementares. Para Mattos (2008), mesmo que hora o afetivo se sobressaia mais que o cognitivo, e vice-versa, um não exclui o outro, mas fortalece.

A escola como o lugar privilegiado para formação exclusiva da cognição tem encontrado desafios antes não imaginados, pois em que pesem as tentativas de impedir o surgimento dos afetos no ato educativo, a sua presença aparece nas atividades propostas, nas relações que são estabelecidas, nos ditos e não ditos que povoam o imaginário escolar, convidando-nos a continuarmos refletindo e repensando o seu lugar nos processos formativos. (FERREIRA;ACIOLY-RÉGNIER,2010, p.02)

Esse pensamento é confirmado pela teoria de Henry Wallon, que explica a formação da pessoa em seus aspectos integrados (afetivo, motor e cognitivo), contrária à compreensão do humano de forma fragmentada. Para esse autor, a afetividade é vista em diferentes aspectos e estágios, seja através das características sociais de cada idade: orgânicas, orais e morais; ou através das condições de maturação do ser humano: emoções, sentimentos e paixão.

A afetividade e a cognição possuem bases orgânicas que vão adquirindo complexidade em contato com o social. “O nascimento da afetividade é anterior à inteligência”. Porém, a “inteligência não se desenvolve sem afetividade e

vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários”. (WALLON apud ALMEIDA, 2012, p.29 e 42)

Para a teoria walloniana, inicialmente, a afetividade é manifestada através das necessidades orgânicas do bebê (simbiose alimentar), ligados a estados de bem-estar e mal-estar, é o estágio de impulsividade. A relação da criança com o meio é feita através do movimento, dos gestos que traduzem a vida psíquica enquanto a palavra não aparece. A partir do momento em que a comunicação

evolui e surge a linguagem da palavra, a sensibilidade orgânica vai sendo substituída pela sensibilidade oral e moral.

A linguagem constitui-se pouco a pouco no meio de sensibilização da criança. Cada vez mais, o diálogo do toque vai tornando-se sem efeito e a comunicação oral torna-se um excelente mecanismo de negociação com a criança. É bastante comum perceber-se o quanto o ouvir e o ser ouvido torna-se um imperativo infantil. O elogio transmitido por palavras substitui o carinho. Com o tempo, as relações afetivas se estendem para o campo do respeito, da admiração. (ALMEIDA, 2012, p.44)

Percebe-se, então, que as manifestações de simples expressões motoras e evolução da palavra, a afetividade evolui para demonstrações mais complexas, através de comportamentos de ordem moral. Este é o momento em que surgem outras funções na criança: o conflito entre emoção e razão. É preciso maturar cada estágio da afetividade, ou seja, as emoções, o sentimento e a paixão. Wallon comenta que “quanto mais habilidade se adquire no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade”, ou seja, quanto mais desenvolvido o raciocínio, mais sustentação terá os sentimentos e a paixão. (WALLON apud ALMEIDA, 2012, p.48)

Wallon também descreve que a afetividade abrange as relações afetivas, tais como: emoção, sentimento e paixão, cujos conceitos são inconfundíveis. Enquanto as emoções são ocasionais, diretas, efêmeras e possuem componentes fortemente orgânicos, como, por exemplo, a cólera. O ódio seria um sentimento, por ser mais duradouro e menos instintivo.

A afetividade, termo mais abrangente, inclui os sentimentos que são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções das quais se diferenciam nitidamente. As emoções, uma das formas de afetividade, são verdadeiras síndromes: de cólera, medo, tristeza, alegria, timidez. A afetividade, com este sentido abrangente, evolui ao longo da psicogênese, uma vez que incorpora as conquistas realizadas no plano da inteligência. (ALMEIDA, 2012, p. 53)

É no convívio com o meio que a expressão da afetividade evolui. Para teoria walloniana, a paixão só aparece após os três anos de idade, quando a vivência entre o ego e as outras pessoas amadurece e a criança já tem a capacidade de autocontrolar-se. Wallon expõe que a representatividade “extingue a emoção na medida em que a transforma em paixão. O apaixonado, habitualmente, se mantém senhor de suas reações afetivas. Diante de impulsos emotivos, caminha para o raciocínio”. (WALLON apud ALMEIDA 2012, p. 54-55)

Sendo a escola o meio social necessário para a aprendizagem do aluno, é imprescindível programações que articulem o desenvolvimento de aspectos cognitivos e afetivos, pois como foi visto na teoria de Henri Wallon, estes aspectos, apesar de antagônicos, dependem um do outro para o seu desenvolvimento. Portanto, para que a inteligência se desenvolva é necessário saber administrar determinados sentimentos que, muitas vezes, envolve o processo de aprendizagem.

Entre a emoção e a afetividade intelectual há antagonismos. Portanto, para liberar o funcionamento da inteligência da criança é necessário diminuir o nível de determinadas emoções-como medo ou cólera-que se incompatibilizam com o processo de aprendizagem. O estado emocional intenso inibe a atividade cognitiva: a elevada ansiedade é incompatível com um bom nível de funcionamento da inteligência. (ALMEIDA, 2012, p.103)

Se na escola existem pessoas é evidente que a interação entre elas envolverá afetividade, porém, essas relações afetivas necessariamente não precisam ser somente com o contato corporal, o beijo, o abraço, mas, a depender da idade da criança ela pode exigir o afeto mais cognitivo, em nível de linguagem, como palavras de incentivo ou elogios.

Dependendo da idade, a criança precisa de uma nutrição afetiva mais racionalizada. [...] Também para a criança na fase escolar, mais significativo que um beijo é o professor, por exemplo, identificar seu trabalho entre vários da sala, revelar que a conhece, demonstrar que se interessa por sua vida. (ALMEIDA, 2012, p.108)

É importante que toda a equipe escolar busque incluir-se no universo da diversidade existente na escola e trabalhe para que as relações afetivas sejam desenvolvidas de forma saudável e compatíveis com o nível de desenvolvimento do aluno. Incluir, portanto, perpassa pela resignificação do papel da escola contemporânea e do conhecimento quanto à importância do afeto, propiciando um ambiente de aprendizagem acolhedor e produtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola como provedora de acesso a todos para a aprendizagem, a nível cognitivo e afetivo, necessita repensar como se dá esse processo de inclusão. Essa inclusão abre somente as portas para as pessoas com deficiência ou promove a permanência delas dilatando seu convívio social e realizando a aprendizagem significativa

Para Santos (2002) faz-se emergente a proposta de resignificar a escola para a inclusão. Apesar dos contextos tradicionalistas enraizados, é preciso acreditar que tal tarefa é possível. Essa possibilidade se dá ao longo da história, que avança cada vez mais em reflexões e atitudes sobre justiça e direitos humanos.

Evitando-se a cristalização de hábitos exclusivos favorece-se a construção de um ambiente mais produtivo e acolhedor. O acolhimento, por parte do educador e todos os envolvidos no ambiente escolar, cultiva afetividade, segurança, autoestima, empatia. Reconhecer as diferenças de linguagens, na forma de se comunicar e de aprender, além de perceber as potencialidades do ser gera um ambiente propício à aprendizagem significativa.

Para todo esse discurso não só o professor, mas como toda a escola (porteiro, coordenação, direção, merendeira, etc) são peças fundamentais para o engajamento da verdadeira inclusão: que respeita, que observa, que escuta, que age prudentemente, que cria empatia, consequentemente segurança, autoestima e prazer em aprender.

É necessário sair da inércia diante das perspectivas de mudanças que precisam ocorrer no ambiente escolar, perceber e romper as barreiras atitudinais que prejudicam a participação social da pessoa com deficiência. Abrir-se para novos aprendizados, ler, discutir, fazer, descobrir que existem possibilidades para incluir a todos. Acreditamos, portanto, ser a afetividade uma das vias, mas não a única, de inclusão e cidadania.

A importância da cognição e afetividade na ação educativa é um desafio e este torna-se maior quando lidamos com a pessoa com deficiência. O diferencial são as metodologias, os recursos pedagógicos e os jogos utilizados para tornar a aprendizagem significativa e prazerosas. Outro fator que cabe ser destacado é a importância da formação do professor, inicial e continuada em serviço, além, de uma constante reflexão sobre sua práxis e a busca pelo aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem. Esse é o grande desafio já que esbarra com a longa carga horária de trabalho, salários não atrativos e o professor com dois vínculos ou mais de trabalho.

Portanto, os desafios de uma concepção educativa nas bases das reflexões wallonianas, baseiam-se em não moldar as pessoas em modelos opressivos ou matemáticos dominantes. Os diferentes saberes, conhecimentos e aprendizagens devem estar integrados formando um homem livre, criativo, político e capaz de dialogar com as diferenças e a diversidade humana. Precisamos de menos professores “bonzinhos” e de mais professores comprometidos, competentes e afetivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES N.; GARCIA R.L. **O sentido da escola**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

BRASIL, BRASÍLIA. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº **13.146, de 6 de julho de 2015** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, julho de 2015.

BRASIL, BRASÍLIA. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CÓRIA-SABINI.M.A. **Psicologia do Desenvolvimento**.2 ed. São Paulo:Ática,2001.

FERREIRA, A.L.;ACIOLY-RÉGNIER, N.M. Contribuições de Henry Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, nº 36, p.21-38, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>>Acesso em 22 de setembro de 2016.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar**- O que é Por quê Como fazer São Paulo: Summus, 2015.

MATTOS, S.M.N. A afetividade como fator de inclusão escolar. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, julho/dezembro 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/271/283>. Acesso em 30 de novembro de 2015.

_____. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educação em Revista**. Nº 44. Curitiba Apr/June,2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 13 de novembro de 2015.

SANTOS,M.P. **Ressignificando a escola numa proposta inclusiva**. Novembro de 2002. Disponível em <http://www.educacaoonline.pro.br/> Acesso em 25 de novembro de 2015.

UNESCO. **Declaração Mundial De Educação Para Todos**: necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990.